



ENSINO SOLIDÁRIO

RESUMO

Escrever sobre ensino poderá ser repetitivo e não despertar nenhum interesse, quer-se, no entanto, abordar o problema da relação entre ensino e solidariedade, com objetivo de apresentar o conceito de solidariedade segundo Scheler e a possibilidade de vivenciar atos de ensino solidário. O termo solidariedade recebe várias conceituações e sua prática poderá se dar por motivações distintas. Porém, o texto é resultado de estudos sobre solidariedade de textos de Scheler e Freire e sobre didática, como a “arte de ensinar”. Segundo Scheler a solidariedade se dá na relação entre sua visão de “atos da pessoa individual” e “atos da pessoa coletiva”, no âmbito da vivência da comunidade coletiva. Sendo a didática não restrita a um fazer por meio de uma mera instrumentalização, mas como uma ação política e de valoração, o ensino solidário poderá ocorrer de forma pontual circunstanciado, numa relação de corresponsabilidade entre quem ensina e quem aprende, mediado pelo amor ao saber.

Palavras-chave: Ensino. Solidariedade. Scheler. Didática.

Almiro Schulz [*]

Enilson Macedo Ferreira [**]

Samanta Aguiar Rodrigues da Silva Sousa
[***]

[*] Docente da Faculdade de Filosofia e do
Mestrado Profissional em Ensino na Educação
Básica da Universidade Federal de Goiás.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7010-0785>
E-mail: almiroschulz@ufg.br

[**] Mestrando Profissional em Ensino na
Educação Básica na Universidade Federal de
Goiás.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8025-4355>
E-mail: enilsonmacedo@gmail.com

[***] Pedagoga pela Universidade Federal de
Goiás e Especialista em Neuro aprendizagem e
em Educação Infantil, Alfabetização e
Letramento.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5187-7812>
E-mail: samantaaagiar55@dicente.ufg.br



1 INTRODUÇÃO

É comum ouvir o termo solidariedade nesse tempo da presente pandemia, com marco inicial em março de 2020, causado pelo novo coronavírus, Covid-19. Trata-se, pois, de um tempo em que a disseminação de contágio do referido vírus, atinge uma extensão geográfica e populacional ampla. No entanto, é um tempo em que se tem visto criatividade no âmbito do humor, daqueles que usam de sua capacidade criativa para transformar situações de lamento em riso, visto principalmente no início da crise. Mas também se vê e se ouve o uso do termo solidariedade, nos jornais, nas *lives*, em debates, enfim, o termo está em constante uso, revelando um atual foco voltado para essa manifestação. Por meio de apoio material e emocional, organizações comunitárias, igrejas, municípios, estados, profissionais liberais, empresas, artistas e outras categorias envolvidos nesse processo de “socorro”, promoveram ações consideradas solidárias.

Muitas são as reflexões sobre as possíveis mudanças em curso nessa fase e em especial após a pandemia, isto é, depois do controle dessa enfermidade epidêmica. Há estudos, análises sobre os efeitos na economia, nas relações sociais, na saúde e na educação. O estudo e análise de artigos em curso sobre o assunto não são foco deste texto, o que se pretende é apenas mencionar dois temas no âmbito da educação e do ensino, a saber: “currículo de transição - uma saída para a educação pós-pandemia”; “Educação e pandemia: impactos da aprendizagem de alunos em alfabetização”. Posto isso, destaca-se como objetivo central a análise da relação entre educação e solidariedade, e, nesse sentido, a possibilidade de configurar-se um novo *ethos*. Há quem prevê que uma das mudanças poderá ser a descoberta ou redescoberta do valor da solidariedade, termo mais restrito ao contexto religioso, mas que poder-se-á tornar ou poderá se tornar uma característica da sociedade futura como um todo, em superação ao individualismo egoísta da modernidade. No entanto, essa característica também poderá reforçar preconceitos em relação a determinadas pessoas, grupos étnicos ou povos. Naturalmente, são suposições que aqui são apenas mencionadas para confirmar o fato de o termo solidariedade estar em pauta.

Temos a finalidade de discutir o lugar e as implicações da solidariedade no âmbito da educação, mais especificamente sua relação com o ensino, até porque a ideia da competitividade está mais presente em determinadas concepções teóricas da educação e do



ensino do que a solidariedade. Especialmente na educação empresarial, ela acaba sendo vista como promotora de competitividade. Como exemplo podemos citar a proposta da Confederação Nacional da Indústria, sobre “Educação: a base para a competitividade. Brasília: CNI, 2028”. Porém, nesse texto, a competitividade não será alvo de análise, procurar-se-á discutir aspectos do conceito de solidariedade, seu significado, sua relação no âmbito pedagógico, aspectos da implicação de sua fundamentação antropológica e prática de ensino; bem como levantar os limites de um ensino caracterizado como “ensino solidário”.

Tomar-se-á como base teórica central a concepção de solidariedade do filósofo Max Scheler, da sua visão da antropologia filosófica e da educação. Também aspectos da sociologia, da psicologia e da pedagogia, que contribuem para uma concepção de ensino e de didática para o ensino solidário.

2 CONCEITO DE SOLIDARIEDADE

Compreendemos que seja importante versar sobre a noção do conceito ou conceitos da solidariedade e da sua prática, para depois relacionar com o ensino. Como dito, foi sobretudo no âmbito da religião que o termo tem sido usado e enfatizado como um valor, como um princípio das relações humanas, da fraternidade cristã e social. No Ocidente a Igreja Católica tem dedicado várias campanhas com o foco na solidariedade; aqui no Brasil promovidas pela Conferência Nacional dos Bispos (CNBB), com o fim de despertar os fiéis e a sociedade para ações de auxílio social. Anita Freire e Oliveira (2016, p. 50), dizem:

[...] a caridade, que se transmutou em solidariedade. Solidariedade para o mundo, para com a sustentabilidade do Planeta Terra, porque esta implica na mais profunda solidariedade para com todos os homens e todas as mulheres do mundo.

Essa visão de solidariedade decorrente da tradição cristã tem permeado ações com mais ou com menos autenticidade em seu significado de uma unidade existencial entre os seres humanos e toda a natureza. Como já dito, atualmente nessa fase da pandemia, o termo é recorrente e muitas ações são chamadas ou qualificadas como solidárias. Porém, vamos procurar dimensionar seu significado em possíveis níveis distintos.



Ao senso comum a solidariedade é compreendida como ações de ajuda, de beneficência, isto é, em ajudar com socorro em situações críticas de necessidades, principalmente materiais, que são temporárias comumente iniciadas destinadas principalmente aos pobres, de forma a se contribuir para a sobrevivência ou dignidade humana. No entanto, nem sempre essas ações, sem aqui fazer qualquer juízo de valor, são autênticas. Às vezes podem ser voltadas mais para o egoísmo, para a autopromoção; o que é comum no âmbito da política, isso quando não ocorrem projetando-se um resultado para as urnas; outras vezes, tais ações visam a própria segurança para que não haja ameaças aos bens e à vida. E ainda podem ser tomadas, num contexto religioso, como ações de boas obras, cujo fim é a “salvação”, desenvolvimento espiritual, em cumprimento ao “dever de amar”, o dever pelo dever, dependendo da confessionalidade em seus conceitos “teológicos”. Tudo isso pode ter seu valor e sentido, em especial, dependendo da intencionalidade e necessidades que se tem em vista.

Até aqui fez-se referência à uma das visões sobre a solidariedade no processo da valoração humana em suas relações sociais. Nosso objetivo é considerar um outro nível e compreensão sobre a solidariedade, não desprezando o bem que essas ações mencionadas fazem e de sua necessidade de serem desenvolvidas e mantidas. Nesse sentido vamos pontuar o conceito a partir da antropologia filosófica de Max Scheler, apresentar o sentido que ele atribui à solidariedade. Essa sua visão, em parte foi apresentada no livro “Max Scheler ‘in foco’” (SCHULZ, 2020).

Para compreender sua concepção sobre solidariedade, é preciso considerar seu entendimento sobre o homem, enquanto pessoa individual e pessoa coletiva, quando então solidariedade é entendida como constitutivo da pessoa coletiva e que as ações beneficentes são resultado do ser coletivo. Vamos então apresentar esse conceito, partindo primeiro da pessoa individual e da pessoa coletiva. Iremos nos valer em especial de dois de seus textos, “El Formalismo en la ética y la ética Material de los valores”, título da edição em alemão, traduzido para o espanhol, cuja edição se acha em dois volumes, Ética I e Ética II (1948); estaremos usando volume II. Também o seu último texto, traduzido para o português: “A posição do homem no cosmos” (2003). Além desses dois textos primários, usaremos o texto “O sistema ético-filosófico dos valores de Max Scheler”, da Pereira (2000), que numa parte discute a noção de pessoa individual e pessoa coletiva segundo a visão de Scheler.



2.1 O que se entende por pessoa?

Na visão de Scheler, o homem, no sentido genérico, por natureza, é destinado a se tornar pessoa, que se constitui de seus atos. É mais que natureza biológica e psíquica, sua essência e especificidade é o espírito, ele é um conjunto de biopsique e espiritual, o que o torna livre, aberto ao mundo e para a ideação. É uma personalidade, mas diferente da visão individualista moderna. Por sua vez, ele é pessoa na relação com o outro que também se constitui como pessoa individual e ambos com os demais tornam-se pessoa coletiva.

Scheler tratou minuciosamente o conceito de pessoa, em razão de sua ética, considerada por muitos leitores, uma ética personalista. Faremos então mais algumas considerações sobre o que entendia ser a pessoa individual para depois apresentar sua visão da pessoa coletiva, compreender sua visão sobre solidariedade, e como relacionar com um ensino solidário.

Em resumo vamos fazer alguns destaques, como: A distinção que faz entre pessoa e sujeito; pessoa individual e autonomia; alcance da essência da pessoa; a ideia de personalidade e distinção entre homem e pessoa, pessoa e caráter e os quatro fundamentos básicos da essência da pessoa.

Há três características básicas pelas quais podemos compreender sua visão sobre a pessoa: 1) A pessoa é individualidade, única, distinta e inconfundível, é um *sosein*. Decorre daí que Scheler é considerado um personalista e pluralista, isto é, existe uma infinidade de pessoas, todas diferentes uma da outra, cada uma tem uma digital que é só dela. 2) A espiritualidade, é sua abertura ao mundo e a ideação, é a capacidade de desprender-se de seus limites físicos, orgânicos e transcender-se ao mundo cultural. 3) Solidariedade, apesar da sua individualidade, espiritualidade, é na coletividade que se constitui sua solidariedade, condição na qual se descobre como pessoa.

Distingue pessoa do sujeito, partindo da ideia que o sujeito está sempre numa condição de uma referência, ligado a uma parte, do “eu” a um “tu”, como também ao mundo exterior e que o sujeito pode ser visto como objeto, enquanto a pessoa não. Assim a pessoa não é um nome relativo, mas absoluto. Diz “Claramente indica todo esto que con la palabra-persona



mentamos algo que es indiferente por copleto a las antíteses ‘you-tu’, ‘psíquico-físico’, ‘yomundo exterior’” (SCHELER, 1948, p. 180).

Em relação à concepção de pessoa individual e autonomia, argumenta que não há uma essencialidade idêntica para todos os homens, o que seria uma despersonalização. Podemos tomar como referência o seu texto, tradução para o espanhol “Max Scheler, Ética, Tomo II, 1948, capítulo II sobre La persona en las conexiones éticas, o tópico “Esencia de la persona moral”, onde apresenta os quatro momentos que fundamentam a essência da pessoa, a começar pela palavra “pessoa”, que não se aplica “A subjetividade, a animação, a consciência do valor, consciência de si” (PEREIRA, 2000, p. 139). Considera que

La persona es dada siempre como el realizador de actos intencionales que están ligados por la unidad de un sentido. Por consiguiente, nada tiene que ver el ser psíquico com el ser personal. (SCHELER, 1948, p. 279).

O segundo momento considera que a aplicação da palavra pessoa se atribui ao indivíduo numa escala de evolução, em desenvolvimento para ser considerado pessoa moral, onde se exclui crianças ou a quem não se atribui imputação moral. Segundo ele indicado por “la esfera de aplicación de la palabra, es que la persona se abribuye al individuo solamente en certa escala de la evolución de éste.” (SCHELER, 1948, p. 279).

No entanto, no que considera o terceiro momento, diz que

[...] “el fenómeno de la personalidad no está esencialmente llimitado al *hombre sensato y mayor de edad*, sino únicamente los hombres en quienes se manifiesta el *señorio* sobre su cuerpo de un modo inmediato, sabiéndose, sintiéndose y viviéndose a sí mismos, inmediateamente, *señores* de sus corpos (SCHELER, 1948, p. 281).

Em relação a um quarto momento diz: “Por el mismo debe también distinguirse con el yor rigor la idea de persona de todas las obras ideas que se fundan todavia en fenómenos de vivências correspondentes a los conceptos, antes citados” (SCHELER, 1948, p. 283-284).

Pode-se sintetizar que a pessoa individual é um nível do seu ser espiritual, alcançado em sua vivência, e que se manifesta em seus atos, que não se dão em forma linear e nem de forma estanque, ideal e desvinculado do real e das outras dimensões da vida humana. Pode ser



caracterizado como um proceder na dimensão da intuição, da autonomia, da sua personalidade e caráter, em solidariedade.

2.2 O que é uma pessoa coletiva?

Antes de apresentar a visão sobre a solidariedade de Scheler, é preciso considerar que ele, em oposição ao coletivismo segundo a sociologia de então, seja na perspectiva do positivismo ou na perspectiva do materialismo histórico, dialético, ou do individualismo liberal, fez uma classificação de quatro níveis das relações sociais, que qualificou como comunidade de massa, comunidade de vida, comunidade social e comunidade solidária. Diz Scheler (1948, p. 326)

Lo que vamos a llamar persona colectiva son los múltiples centros del viver en esa inacabable totalidade del viver unos con otros o convivir (en la medida en que basten plenamente a una persons los centros respectivos de la definición precedente).

Significa que cada um enquanto pessoa particular corresponde a uma pessoa coletiva, ambos relacionados mutuamente de forma concreta, para além de um ajuntamento de indivíduos, sem descaracterizar a personalidade da pessoa, mas ambos necessários. Apresenta então que a pessoa coletiva se constitui no quarto nível das relações sociais, sendo que 1) A comunidade de massa, se caracteriza pelos indivíduos, que não têm consciência de si, mas seguem e juntos são uma massa de gente. “Aquella unidad social que se constituye (simultaneamente) por el llamado contágio, exento de comprensión, y por imitación involuntária” (SCHELER, 1948, p. 332). 2) A comunidade de vida, que segundo ele é

Aquella unidad social que se constituye en un con-viver y re-viver (consentir co-aprender, co-pensar, co-juzgar), de tal índole, que tiene lugar, si, un comprender en los miembros de la unidad social [...] (SCHELER, 1948, p. 332).

Esse nível de relação social pode ser compreendido como uma relação em grupo ou até em forma de família, por razões de interesse etc. 3) A comunidade social é a que caracteriza como a sociedade, mas que segundo ele é uma unidade social artificial. Diz [...]



“una unidad artificial de individuos, en la que no tiene lugar ningún convivir primigênio en el sentido antes caracterizado” [...] (SCHELER, 1948, p. 335). Constitui-se, pois, numa relação de cidadania ou política. 4) A comunidade solidária é que se configura em pessoa coletiva, situa-se no âmbito mais elevado, num quarto nível, diz Scheler (1948, p. 340).

[...] hemos de distinguir una cuarta y suprema clase esencial, cuya caracterización comenzábamos al principio de este apartado: la unidad de personas particulares independientes, espirituales e individuales en una persona colectiva independiente, espiritual e individual.

Segundo Pereira, para Scheler (2000, p. 156),

A pessoa coletiva é essa unidade social de valor supremo, de caráter *a priori*, nessa relação a pessoa particular é co-responsável pela pessoa coletiva, por sua vez, a pessoa coletiva é co-responsável por todos os seus membros.

Assim, ambas, pessoa particular e coletiva vivenciam um valor na mesma altura, os mais altos, enquanto por exemplo, já a comunidade social está unida em torno de uma valoração útil e vital, enquanto comunidade de produção e de consumo. A comunidade solidária é aquela que está unida mediante uma valoração superior. Segundo Scheler há várias pessoas coletivas, tais como o Estado, a Igreja, bem como outras unidades sociais, às quais as pessoas individuais podem pertencer e realizam atos enquanto pessoa coletiva. (SCHELER, 1948, p. 355).

2.3 Solidariedade

Chegou então o momento para mostrar a compreensão de Scheler sobre solidariedade, o tema como abordagem filosófica, não restringe a ele, pois, apesar de não comentar de forma direta, Aristóteles concebia a solidariedade como intrínseco a realidade social, por defender em sua obra “política” que a natureza humana é uma realidade cívica, ou seja, coletiva. Nesse sentido, segundo o estagirita, a felicidade é a finalidade do homem, no entanto, isso só pode ser conquistado tanto no pensamento puro, como no seio da Cidade (ARISTÓTELES, 2006). A solidariedade seria uma dessas virtudes responsáveis pela *eudaimonia* na *polis*. Por ser pertencente à natureza humana, a coletividade é de fato relacionada diretamente à formação



tanto da sociedade quanto a subsistência de cada indivíduo, justamente por ser atribuída as necessidades mais elementares que cada um não conseguiria suprir sozinho. A solidariedade seria a ferramenta que estimula a relação do Eu com o meio social, ou seja, um constituindo-se a partir do outro. A solidariedade é o aspecto constituído empiricamente, pois é dela que se extrai a qualidade do vínculo social e a forma dos padrões morais.

Em outro ângulo pode-se refletir a relação da solidariedade com o existencialismo sartreano, vez que ela não se reduz a algo único e indissolúvel por estar em constante dinamismo. A solidariedade retém o compromisso de assumir o outro, e a si mesmo, em suas subjetividades como sujeitos interrelacionados por escolhas e consequências na formação da própria essência. Diz Sartre (2019, p. 318),

Expressa sobretudo uma espécie de solidariedade ontológica para a exploração desse mundo. O outro não está vinculado originariamente a mim como uma realidade ôntica que aparece no meio do mundo, entre os "utensílios", como um tipo de objeto particular: nesse caso, já estaria degradado, e a relação que o vinculasse comigo jamais poderia adquirir reciprocidade. O outro não é objeto. Em sua conexão comigo, permanece como realidade-humana; o ser pelo qual ele me determina em meu ser é o seu puro ser apreendido como "ser-no-mundo" - e sabemos que o "no" deve ser entendido no sentido de "colo", "habito", e não no sentido de "insum"*: ser-no-mundo é frequentar o mundo, não estar nele enviscado.

No caso de Scheler, como já foi mencionado, a solidariedade ocorre ou se dá no quarto nível das relações sociais, entre a pessoa particular e a pessoa coletiva. Vimos que a pessoa particular ou individual se constitui pelos seus atos, da mesma forma, a pessoa coletiva também se constitui pelos seus atos, onde, no entanto sua intenção é dirigida ao outro, cujo fundamento do princípio da solidariedade diz Scheler (1948, p. 342) “El principio de solidaridad es para nosotros en este sentido, un elemento eterno y, por así decir, un artículo fundamental de un cosmos de personas finitas”. Nessa relação de solidariedade cada pessoa individual é responsável duplamente, pelos seus atos e é coresponsável pelos atos de todos os outros. Consiste em superar a mera consciência, mas interage com outras pessoas em comunidade, sem objetivar as pessoas, na realização e corealização de atos livres, significa que “a vida do outro não é mediada pela minha consciência” (KLAUS, 2014, p. 69), segundo a perspectiva de Husserl, que se dá ao âmbito da consciência.



Esse seu conceito encontra raízes na visão cristã primitiva de comunidade, cuja vida solidária se fundamentava numa relação vertical e horizontal, entre Deus e os homens, cuja coletividade não era uma junção de pessoas apenas social, mas numa dimensão de unidade dimensional, com base nos valores mais altos, sem que os demais fossem negados, porém, vivenciados em escala de prioridade.

Outro aspecto importante a considerar é que para Scheler há uma diferença entre empatia e simpatia. A empatia é o sentimento pelo outro em que o outro se torna agradável em razão de fatores vários no âmbito do Eu psíquico. Porém, a simpatia se diferencia por se tratar de um sentimento “espiritual puro”, em que ambos ou as pessoas individuais se encontram no mesmo nível e formam a pessoa coletiva solidária. Nesse sentido, a solidariedade é esse encontro entre as pessoas individuais, constituindo-se em pessoa coletiva, que não se limita ou se caracteriza em essência pelas práticas de caridade ou de assistência, mas sim, em que o eu e o tu, na linguagem de Buber, tornam-se um nós. Portanto, ser solidário se dá no âmbito da valoração superior, no processo da destinação humana entre iguais.

Como já referido, não significa que os valores mais baixos são negados, nem que na vivência essa solidariedade seja contínua sem interrupção, mas que é a expressão em atos de uma vida coletiva e social possível, numa situação de intersubjetividade sem diferenciação, mas de parceria e corresponsabilidade.

3 CONCEITO DE DIDÁTICA - A “ARTE DE ENSINAR”

Tendo em vista que se quer referenciar solidariedade e ensino, julga-se pertinente trazer algumas considerações rápidas sobre a noção de didática. Segundo observa Libânio (2008, p. 25) “A didática é o principal ramo de estudos da Pedagogia. Ela investiga os fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino”. Como considera que ela é parte da Pedagogia, o mesmo autor diz: “a Pedagogia, sendo ciência da e para a educação, estuda a educação, a instrução e o ensino” (LIBÂNIO, 2008, p. 25). Ainda segundo Abbagnano (2000, p. 747) Pedagogia é o “termo que na sua origem significou prática ou profissão de educador, passou depois a designar qualquer teoria da educação [...]”. Esses conceitos postos nos provocam a uma larga e longa discussão no percurso da história,



enquanto seus fins e sua prática. Porém, nos interessa mais nesse momento estender a abordagem em torno da didática enquanto “a arte de ensinar”, para depois relacionar essa arte, ou seja, o ensino, a uma perspectiva de visão solidária.

Sem um percurso histórico sobre a didática, apenas para trazer à memória, foi Comênio quem procurou integrar pedagogia e didática como uma metodologia por meio da qual seria possível “ensinar tudo a todos”. Diz Comênio (1985, p. 45),

Nós ousamos prometer uma *Didática Magna*, isto é, um método universal de ensinar tudo a todos. E de ensinar com tal *certeza*, que seja impossível não conseguir bons resultados. E de ensinar rapidamente, ou seja, sem nenhum enfado e sem nenhum aborrecimento para os alunos e para os professores, antes com sumo prazer para uns e para outros [...]

Nessa obra, fruto de um longo tempo de experiência como diretor e professor de escolas, o autor traz de forma sistematizada sua visão filosófica de educação e ensino. A partir de então muitas outras experiências foram desenvolvidas no âmbito da pedagogia e da didática, ora priorizando a metodologia de ensino, ora a formação de quem ensina, até as concepções contemporâneas que priorizam a pessoa da aprendizagem, passando por Locke, Rousseau, Pestalozzi, Fröebel e outros.

O conceito de didática como “arte de ensinar” passou e ainda é objeto de divergência no campo da educação, enquanto prática educativa e como ação ética e política. É por muitas vezes restrita às técnicas de ensino, sendo sua formação limitada a uma instrumentalização. No entanto, entendemos a didática não como mera técnica, como saber fazer, nós a entendemos numa relação mais ampla, levando em consideração os conteúdos, o processo da aprendizagem em suas diferentes teorias educacionais e de aprendizagens, bem como as condições sociais da sua realização, formando uma unidade entre políticas educacionais, metodologias, materiais de ensino e relacionamento entre quem ensina e quem aprende, na escola e para além dela.

É importante considerar que na educação, bem como sua prática, ou seja, o ensino, principalmente escolar, não é um ato neutro, mas subjaz uma visão de mundo, uma visão de homem, uma antropologia filosófica. A prática, consciente e inconsciente, se dá com base em uma fundamentação, numa política e numa ética.



4 POSSIBILIDADES DE UM ENSINO SOLIDÁRIO

Como já anunciado, temos o objetivo de refletir sobre a possibilidade e em que condições se pode pensar num ensino na perspectiva solidária, segundo a visão de solidariedade de Scheler. Antes, porém, vamos trazer duas questões para se somarem na discussão: A implementação do ensino remoto e a visão do lugar da solidariedade no ensino segundo Paulo Freire.

Ainda não podemos afirmar que o mundo pós pandemia não será o mesmo e que os recursos informacionais não de instrumentalizar o ato de ensinar, que esse tempo do afastamento social contribuirá nas experiências da adoção desses recursos tecnológicos, que aos poucos já vinham sendo implementados no processo ensino e aprendizagem ainda que existam resistências que excluem os que não se ajustam e/ou os que não possuem acesso a tais recursos. Pode-se pensar então que lugar a solidariedade ocupa nessa nova forma das relações humanas? A resposta nos levaria a uma série de elementos, no entanto, mesmo com o distanciamento físico, é possível, em especial pela imagem, despertar os sentimentos e ações solidárias. Contudo, é importante destacar, qual a concepção que se tem sobre o significado de solidariedade e da prática educativa solidária.

Na introdução conjecturou-se a ideia de que a pandemia seria um tempo do encontro da pessoa individual com uma pessoa coletiva e que após o momento pandêmico a solidariedade pudesse ser uma característica deste novo modelo de sociedade. No entanto, ainda não se tem uma resposta, são meras cogitações. Talvez passado o tempo, tudo continua o mesmo.

Muitos são os estudos sobre as contribuições e os efeitos no uso amplo ou restrito de recursos tecnológicos aplicados ao ensino remoto, há, porém, muita resistência ainda. Erich Fromm no seu livro “A revolução da esperança - por uma tecnologia humanizada” (1981) já discutiu isso nos anos 1960/70, entre outras coisas lembrava que é necessário que as tecnologias sejam humanizadas e que para muitos a relação com a máquina se torna mais viável, evita os conflitos das relações humanas. Nesse caso, não se pode falar em relação solidária. Não se quer reduzir a solidariedade necessariamente a um contato físico, mas se pode considerar um fator, importante, a sua falta, uma variável de impedimento.



Poderá ser verdade que práticas de socorro sejam agilizadas por meio do uso desses recursos, pois podem torná-las relações globais, mas não significa que as tornam solidárias. Podemos também considerar como limitadores as condições socioeconômicas, marcadas pela falta de acesso ainda aos recursos e formação para fazer uso deles. Segundo a visão apresentada de solidariedade, que se realiza na “quarta comunidade de vivência”, que depende do desenvolvimento, não necessariamente linear progressivo, mas de duas condições básicas, tornar-se pessoa particular na relação com a pessoa coletiva, onde os atos serão compartilhados para serem solidários.

Ainda, antes de relacionar o ensino solidário numa possibilidade com base na visão de Scheler, mostraremos que Paulo Freire se refere à uma prática educativa em sua visão da solidariedade, com base no texto “Pedagogia da solidariedade” (2016). Segundo ele, ensino solidário pode ser entendido como uma educação com qualidade, o ensinar e educar precisa ser crítica, política e que uma dessas dimensões é a atitude transformada em atos solidários, diz:

A solidariedade caminha de mãos dadas com a consciência crítica. Eu não consigo imaginar o mundo melhorando se nós não adotarmos, realmente, o sentimento da solidariedade e não nos tornarmos imediatamente um grande bloco de solidariedade, se nós não lutarmos pela solidariedade. (FREIRE; OLIVEIRA, 2016, p. 81).

Segundo ele a solidariedade tem que ser construída em espaços, interações e no desenvolvimento da consciência histórica e política. Não se dá pelas ideias, mas nas relações concretas, materiais, pois consciência crítica se dá num processo da práxis, na vivência, uma vez que “a solidariedade tem que ser construída em nossos corpos, em nossos comportamentos, em nossas convicções” (FREIRE; OLIVEIRA, 2016, p. 81).

Em sua visão, uma prática pedagógica, numa dimensão solidária, é preciso superar o individualismo, tomar consciência do seu significado, como uma luta localizada, inserida em determinada comunidade local. Uma das dimensões em sua visão, a prática solidária se realiza em contextos em que se compartilha os mesmos sonhos. Segundo ele ainda, diz: “Para mim a questão da solidariedade é, portanto, uma questão política e é também uma questão metodológica” (FREIRE; OLIVEIRA, 2016, p. 109). Quando trata da educação como



humanização, lembra que a solidariedade não pode ficar de fora, é, pois um elemento fundamental do processo educativo no século XXI (FREIRE; OLIVEIRA, 2016, p. 126), Diz:

[...] a humanização deve incluir a solidariedade se definirmos esta como um elo entre as pessoas, uma preocupação sincera com o outro, que permita o desenvolvimento concreto de um espírito de grupo, de um corpo social, de uma vida comunitária. (FREIRE; OLIVEIRA, 2016, p. 127).

A superação do individualismo passa pelo processo árduo de conscientização política, que, na visão de Paulo Freire, é essa consciência do coletivo e que observamos se aproximar da visão de Scheler acerca da pessoa coletiva. Assim sendo, pode-se entender que as ações individuais formam o conjunto social. E, nesse sentido, não é possível pensar em formação e/ou superação das dificuldades sociais apenas no âmbito individual, mas deve-se pensá-la na atuação individual dentro do coletivo, de forma integrada e ordenada, de forma análoga a um corpo que sem a sintonia de seus membros não deixará de funcionar, mas também não funcionará de forma plena.

Voltemos a Scheler, o que considerar, tomando o conceito de solidariedade como uma relação intersubjetiva, entre pessoa individual e pessoa coletiva, suas possibilidades e limites tendo em vista uma educação solidária? Não podemos compreender a pedagogia solidária como um método a ser desenvolvido e a ser aplicado, não se trata de uma instrumentalização técnica, pois esta, segundo Scheler, refere-se aos valores mais baixos, o que não significa excluir determinadas visões e procedimentos didáticos, pois eles podem contribuir no sentido de facilitar ou inibir a ocorrência do fenômeno ou ato solidário no processo ensino aprendizagem. O ensinar pertence a uma função, que se dá na dimensão psicofísica, enquanto a solidariedade se dá pelos atos da pessoa coletiva, na dimensão do espírito.

Com base em Scheler, há duas características importantes da pedagogia solidária a considerar: o amor e o modelo. Recentemente escrevemos um artigo com o título “Ensino e aprendizagem – um ato de amor”, pois uma das características da solidariedade é o amor, que envolve a pessoa particular e coletiva como já se disse. O princípio de ouro: “ama a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a ti mesmo”. É preciso amar a si para ter condições de amar ao próximo, ou seja, ser pessoa para ser pessoa coletiva, que implica em ter consciência de si, ter cuidado de si e servir na relação com a pessoa coletiva. No entanto, na relação pedagógica, didática, o amor não se constitui de forma mecânica, é intuição emocional



“pura”, para além da sensibilidade física e psíquica, em que o mestre e aprendiz são transportados para o valor do conhecimento, que se torna o meio e o fim do ato de ensinar e aprender. A segunda característica, não separada da primeira, do amor, é o professor que ensina enquanto modelo, que de forma inconsciente pode tornar-se meio para que o ensino seja solidário. Para Scheler, o modelo no processo ensino e aprendizagem, não é uma figura a ser imitada, mas quem desperta no aprendiz o valor do saber e por essa razão atrai seguidores. Segundo ele, o modelo enquanto pessoa individual e coletiva, em seus atos da corresponsabilidade, acha-se numa condição de “dever - ser”, significa que o “dever” se refere ao fazer, com implicação normativo e o modelo ao “ser”; ambos os aspectos fundamentados nos valores. Nesse sentido, o ensino solidário não depende apenas de uma metodologia, de um conteúdo instrutivo; é lógico, ela poderá proporcionar mais ou menos condições para que ocorra. É a descoberta de um sentido em comum, de pessoa a pessoa.

Essas perspectivas do ensino solidário excluem o foco da competitividade muito presente na visão de mérito, pois na competição o outro é um adversário a ser vencido, em que vencerá o melhor, numa relação objetivada, de objeto, e não intersubjetiva, de igualdade e corresponsabilidade, características da solidariedade. Considera-se primordial o processo de ensino e aprendizagem e não tanto a eficiência e eficácia, mas a valoração subjacente com base na hierarquia dos valores, entre mais altos e mais baixos, que perpassam o ensino. Quando professor e aluno se situam como sujeito e objeto, há uma distância e sobreposição, um sobre o outro. Claro que ambos têm papéis e funções diferentes, mas no campo da valoração, ambos são humanos e experenciam sentimentos de forma similar. Daí a importância de considerá-los como iguais, que estão em momentos diferentes da vida.

Ainda é importante lembrar que o respeito ao outro, como diferente, pode ser compreendido como um princípio pedagógico do ensino solidário, fundamentado no conceito da pluralidade, mas que na perspectiva da solidariedade, requer “uma convivência pacífica e legítima de todos os modos diferentes e divergentes de pensar e viver” (PECORARI, 2002, p. 13). Pode parecer contraditório, se na visão de Scheler, solidariedade é a relação entre pessoa individual e pessoa coletiva, num “sentimento puro”, de igual para igual, enquanto a pluralidade pressupõe uma relação de diferentes. No entanto, a diferença está no âmbito do indivíduo, na dimensão de valores mais baixos e que não se excluem e a solidariedade exclui as diferenças objetivas. A perspectiva da solidariedade, requer, como dito, “uma convivência



pacífica e legítima de todos os modos diferentes e divergentes de pensar e viver”. É um princípio que reconhece a todos como humanos, mas que possuem características próprias e singulares.

Que relação se pode estabelecer a partir de Scheler entre ensino e solidariedade? É verdade que até onde temos conhecimento, ele não tratou do ensino como um tema específico. Participou dos embates pós primeira guerra mundial, na reforma e organização da educação e o ensino, deu muita importância à educação no processo da restauração e conciliação da sociedade de então. Mas pretendemos pontuar alguns aspectos da temática em foco. É preciso então considerar sua visão peculiar sobre a solidariedade, como visto no item sobre conceito de solidariedade. Nesse sentido, o ensino solidário não pode ser visto como uma metodologia formal; não pode ser visto como um processo contínuo, mas que em sua prática e desenvolvimento está relacionado à vivência dos atos de valores mais altos, relacionado aos sentimentos puros, ao amor, que é uma relação de ouvir-se, de encontrar-se junto, em que o aprendizado não se restringe a qualquer conteúdo disciplinar, mas ao significado de se ser humano, cuja prática da docência se dá por meio do papel de modelo, não restrito ao ensino escolar, pois se dá na condição da pessoa coletiva, que se caracteriza como comunidade solidária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes da pandemia da Covid-19, o mundo já estava em mudança em alguns setores, mas tudo indica que essa fase nos levará a uma outra realidade, no campo da comunicação, das relações sociais e afetivas, econômicas e educacionais e no caso, no ensino, apesar que no momento tudo está ainda incerto.

Observou-se que um dos atos humanos que está muito em foco nessa fase são ações chamadas de solidárias, mas como visto, o termo pode ser compreendido em níveis diversos em seu conceito e prática, desde ações assistencialistas, beneficentes, de comprometimento e corresponsabilidade, focado principalmente na visão de Scheler, com base em seu conceito de pessoa individual e pessoa coletiva. É possível que esteja em mudança a percepção de valores e que isso incida na formação e ensino. Ao menos nessa fase, a formação no lar torna-se mais efetiva e com isso poderá também mudar a visão sobre a importância do papel do professor.



Procurou-se verificar a possibilidade da extensão da solidariedade à prática do ensino. Nesse sentido, fez-se referência ao conceito de Freire, que corresponde a uma ação de consciência de sujeito político e histórico, a partir de ações concretas em comunidades locais, não propriamente restrito à educação ou ensino formal e escolar. Na perspectiva da visão de Scheler, ela se dá na relação da pessoa coletiva, ou seja, na relação do nível da relação social, chamada de “comunidade solidária”. O objetivo foi destacar na presente abordagem, a possibilidade de um ensino solidário, a partir do conceito de solidariedade de Scheler, e dizer então que, o ensino solidário poderá ser possível de forma pontual, mas que é importante para uma vivência e convivência social. Para tanto, é preciso priorizar valores mais altos e mais importantes. Nesse sentido, o saber da realização, que segundo ele se refere à ciência e tecnologias, não deverá se sobrepor aos saberes do espírito, da cultura, mesmo que não sejam separáveis, por se constituírem de forma hierárquica, do menos importante para o mais importante, sendo que o valor da solidariedade se encontra no âmbito da valoração da maior importância da destinação humana. É preciso, pois, que a solidariedade não seja suprimida no ensinar e aprender, de forma que o ensino solidário se dê por vias de uma pedagogia da afetividade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARISTÓTELES. **A Política**. Série filosofar. Tradução Nestor Silveira Chaves. Escala Educacional. São Paulo, 2006.
- COMÊNIO, João Amós. **Didática Magna**. 3. ed. Lisboa: Fundação Caloute Guilbenkian, 1985.
- FREIRE, Nita; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. (orgs.). **Pedagogia da solidariedade**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FROMM, Erich. **A revolução da esperança – por uma tecnologia humanizada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- KLAUS, Leila Rosibeli. **Abordagem fenomenológica da antropologia filosófica: pessoa e espírito em Max Scheler**. Santa Maria: Universidade federal de Santa Maria, 2014.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 28. ed. São Paulo: Cortez editora, 2008.



PEREIRA, Rosane Maria Batista. **O sistema ético-filosófico dos valores em Max Scheler**. Porto Alegre: EST Edições, 2000.

PECORARI, Francisco. O personalismo ético e solidário de Max Scheler e o pluralismo contemporâneo. **Perspectiva Filosófica**, v. IX, n. 17, jan./jun. 2002, p. 107-125.

SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada** – Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigo. 24. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SCHELER, Max. **Ética, II**. Buenos Aires: Revista de Occidente Argentina, 1948.

SCHELER, Max. **Esencia y formas de la simpatia**. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A.1950.

SCHELER, Max. **A posição do homem no cosmos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

SCHULZ, Almiro. **Max Scheler “in foco”**. Curitiba: CRV, 2020.

SOLIDARITY TEACHING

ABSTRACT

Writing about education may be repetitive and fail to awaken any interest; however, the aim of this paper is to address the problem of the relationship between education and solidarity with the aim of presenting the concept of solidarity according to Scheler and the possibility of experiencing acts of education with solidarity. The term “solidarity” has been conceptualized in various ways, and it may be practiced with different motivations. This text is the result of studies regarding solidarity from the writings of Scheler and of Freire and also regarding didactics understood as the “art of teaching”. According to Scheler, solidarity occurs in the relationship between “acts of the individual” and “acts of the collective” in the sphere of lived experience of the collective community. Since didactics is not restricted to action through mere instrumentalization but is rather a political act that attributes value, education with solidarity may occur under specific circumstances in a relationship of co-responsibility between the teacher and the learner, mediated by a passion for knowledge.

Keywords: Teaching. Solidarity. Scheler. Didactics.

ENSEÑANZA SOLIDARIA

RESUMEN

Escribir sobre enseñanza podrá ser repetitivo y no despertar ningún interés, lo que se quiere, sin embargo, es abordar el problema de la relación entre enseñanza y solidaridad, con el objetivo de presentar el concepto de solidaridad según Scheler y la posibilidad de vivenciar actos de enseñanza solidaria. El término solidaridad recibe varias conceptualizaciones y su práctica podrá ocurrir por distintas motivaciones. Pero, el texto es resultante de estudios sobre la solidaridad de textos de Scheler y Freire



y sobre didáctica, como el “arte de enseñar”. Según Scheler la solidaridad sucede en la relación entre su visión de “actos de la persona individual” y “actos de la persona colectiva”, en el ámbito de la experiencia de la comunidad colectiva. Dado que la didáctica no está restringida a un qué hacer por intermedio de una mera instrumentalización, pero como una acción política y de valorización, la enseñanza solidaria podrá ocurrir de manera puntual y detallada, en una relación de corresponsabilidad entre quien enseña y quien aprende, mediada por el amor al conocimiento.

Palabras clave: Enseñanza. Solidaridad. Scheler. Didáctica.

Submetido em: dezembro de 2021.

Aprovado em: maio de 2022.

Publicado em: julho de 2022.